

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospício 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A DESFORRA DE UM DEFUNTO

LII

(Continuação.)

— Julieta, disse-lhe em tom commovido, quer que sejamos irmãs e que nos tornemos amigas?

— Ah! a senhora é uma creatura divina! exclamou Julieta.

— Então, venha! disse Francina com resolução; dê-me a sua mão e não tenha medo, pois respondo que sua mãe será salva!

Foi assim, foi em seguida a esta scena, que ellas entraram na sala da agua-furtada.

A' sua presença alli, dous gritos se tinham ouvido: um de Didier, outro da Sra. d'Orvado.

E, enquanto Julieta corria a precipitar-se nos braços de sua mãe, como para protegê-la, Francina se dirigia para Didier.

— Tu!... és tu, minha filha? disse elle com effusão. Como soubeste?....

— Depois lhe explicarei tudo, meu pai! respondeu Francina; antes, porém, tenho que lhe dizer uma coisa muito grave.

E Francina ergueu para Didier os seus olhos puríssimos.

— Meu pai, continuou ella em tom quasi solemne, não me enganei, não é verdade, ao pensar que d'ora em diante a sua vida não tem outro fim senão a minha felicidade?

— Sem duvida.

— Pois bem! Eu não tinha senão um sonho, e esse sonho se realizou. Amava Gontran, e Gontran me ama. O senhor me queria feliz, e eu o sou tanto quanto uma mulher o pôde ser. Resta-me sómente pedir-lhe uma graça.

— Falla.

— Quero que o senhor perdôe ..

— Mas então não sabes...?

— Sei uma cousa unicamente: é que, se minha mãe aqui estivesse...

— Helena!

— ...ella uniria o seu ao meu pedido.

Didier estremeceu, e o seu olhar voltou-se instinctivamente para a condessa.

Uma lucta se travava no intimo de seu coração, e elle não sabia que decisão tomar.

— E Gontran!.. balbuciou afinal como para illudir as suas proprias idéas.

Acabava apenas de pronunciar estas palavras, quando Gontran, amparado pelo doutor Roberto, apparecia repentinamente á entrada da sala...

A cabeça inclinava-se-lhe languidamente sobre o hombro, e seu olhar estava apagado e tristonho, a sua attitude inteiramente abatida.

E enquanto Francina, assustada, se precipitava ao encontro do moço, a condessa d'Orvado, em cujo olhar luzira um relampago, aproximava-se vivamente de Polichinello.

— Oh! o inferno nos protege! balbuciou ella ao ouvido do miseravel.

— Que esperanza é então a sua? perguntou no mesmo tom.

Com rapido e prompto gesto, a condessa tirára do seio um frasquinho e mostrou-o ao seu complice.

— Elles não triumpharam ainda! respondeu então, com um gesto cheio de ameaças.

— Cuidado!... recommendou Polichinello.

— Oh! elle não pertencerá nem a uma, nem á outra! — tornou Clotilde com voz acerada e mordaz; e este desfecho será talvez muito melhor do que aquelle que havíamos imaginado!

LIII

Pallido sorriso roçou os labios de Gontran ao avistar Francina, e quiz elle estender-lhe a mão.

A fadiga, porém, os esforços que fizera, e tambem a commoção tinham-lhe exaurido as poucas forças que lhe restavam, e, depois de haver murmurado algumas palavras, balançou lentamente a cabeça, fechou os olhos e cahiu nos braços do doutor.

— Morto! está morto! exclamou Francina fóra de si.

— Não, não! respondeu o Dr. Roberto; está apenas desmaiado.

— Mas o sangue está correndo... veja!...

— Eu tinha previsto o que acontece.... tornou o medico; achava-me, por acaso, por felicidade devêra dizer, no lugar do combate, e pude prestar-lhe os primeiros cuidados que o seu estado reclamava... Tencionava mesmo transportal-o para minha casa... mas elle acabava de saber que estavam aqui, e tive de trazel-o a esta agua-furtada...

— Pobre Gontran! disse Francina; mas repare, doutor... esta palidez me assusta... elle apenas respira...

— A atmosphera aqui está, com effeito, muito quente; necessitava de ar.

— Meu Deus! que fazer? Gontran, Gontran, está me ouvindo?... Sou eu, a sua Francina... Responda!...

A este tocante appello, o ferido fez um esforço supremo e conseguiu abrir novamente os olhos.

Quasi immediatamente, porém, levou ambas as mãos ao peito, e estendeu os labios sequiosos no vacuo.

— Um copo com agua! depressa!... um copo com agua! pediu o doutor.

Francina correu para a mesa e pegou no copo de Didier, que a condessa d'Orvado acabava de encher.

Francina não havia reparado em cousa alguma; ninguem, aliás, tinha notado o movimento da condessa.

Uma unica pessoa tinha visto tudo.

Era Julieta.

Sorprendêra o olhar trocado entre sua mãe e Polichinello, reparára principalmente no frasquinho de que a condessa estava armada.

Desde então, não a perdeu mais de vista.

Seguiu-lhe todos os movimentos, espreitou-lhe os meneres gestos, apanhou, de passagem, os seus mais rapidos olhares.

E, entregando-se a essa observação, o peito lhe offegava, batia-lhe o coração como se quizesse saltar-lhe do peito, mil idéas extraordinarias atravessavam-lhe o espirito.

Pensava ella na sua ditosa infancia, na pureza de seus amores juvenis, no amor dedicado e termo que consagrava á sua mãe?

Em vão tentava Julieta repellir da mente essas idéas... ellas voltavam obstinadamente. Porque? ella propria não teria podido dizel-o... Todas as vezes, porém, que ellas voltavam, traziam-lhe não sei que desespero amargo e fatal.

Assim, quando, ao cabo de alguns minutos, viu a condessa apresentar a Francina o copo com agua no qual acabava de derramar algumas gottas de um liquido que não podia ser senão veneno, toda a lealdade, toda a generosidade e juventude que existiam nella se revoltaram, e ella correu após Francina.

O momento era solemne.

A mocinha tinha já entregue ao doutor o copo que trouxera, e este ultimo se dispunha a aproximar-o dos labios sedentos de Gontran, quando um grito retiniu na sala, e Julieta, fôra de si, com o olhar espantado, gesto brusco, foi arrancar violentamente o copo das mãos do medico!

— Desgraçada!... murmurou a condessa entrando os dedos crispados no braço de Polichinello. Francina, não menos admirada do que o doutor, voltara-se para Julieta.

Todos que alli estavam presentes observavam a moça, e ninguem pensava em interrogar-a, tanto a todos parecia evidente que alguma cousa solemne e terrivel ia acontecer.

Então, com febril gesto, Julieta ergueu o copo até a altura dos labios, e, sem que a sua mão tremesse, de um só trago, esvasiou o copo e restituiu-o ao doutor.

— Julieta! Julieta! que quer isto dizer? exclamou Francina, que pôz-se a tremer, sem ter ainda consciencia da horrida realidade.

Mas a condessa d'Orvado, esquecendo o lugar em que se achava, já se havia precipitado para a filha e tomára-a nos braços.

— Minha filha! minha filha! clamava ella entregue á extrema desordem.

E, voltando-se para o Dr. Roberto:

— Doutor! doutor! accrescentou em tom imperioso e feroz, salve-a! eu o quero! eu o ordeno!...

— Salve-a de que? perguntou o medico.

— Esta agua, que ella acaba de beber...

— Que tem?

— Estava envenenada!...

— Quem lh'o disse?...

A condessa apertou a cabeça nas mãos com desesperado gesto.

— Ah! pois o senhor não comprehende? exclamou a misera fôra de si. Esse veneno é mortal, digo-lh'o eu, é mortal, está ouvindo?... e fui eu... eu... que o deitei no copo!

— A senhora!

Um murmurio de horror escapou-se de todos os labios, ao ouvir-se aquella confissão... e exclamações ameaçadoras sahiram aqui e alli do boca dos bandidos que escutavam.

O doutor tinha dado alguns passos para Julieta e pegara-lhe na mão.

Ao primeiro contacto, estremeceu.

— Então? perguntou com anciedade a mãe.

— Vamos tentar uma experiencia extrema. O veneno absorvido é subtil e implacavel, eu o conheço... e creio...

— Oh! meu Deus! meu Deus! balbuciou o Sra. d'Orvado, pondo as mãos e deixando-se cahir de joelhos.

Nesse mesmo momento, porém, Julieta saccudiu a cabeça, como se despertasse de um sonho, e repelliu energicamente a mão do medico.

Dir-se-hia que se apoderára della uma nova resolução.

(Continúa no proximo numero.)

A BASTARDA

PRIMEIRA PARTE

A AMANTE DO AMO

III

BEM VINDO SEJA !

O Sr. de Vezay, encostado a um dos portaes de pedra da portinha do parque, absorvia-se em profunda e dolorosa meditação.

Quando um relampago brilhava, illuminando-lhe a fronte com o seu clarão fugitivo, ter-se-hia podido ler-lhe no semblante mais tristeza ainda do que colera.

De vez em quando uma lagrima furtiva rompia-lhe por entre as palpebras meio cerradas.

Então seus labios repetiam baixinho, e com profunda e indizível amargura :

— Oh ! Margarida !... Margarida !...

Por mais baixo, porém, que o Sr. de Vezay houvesse pronunciado esse nome, Caillouet ouviu-o uma vez.

E erguez a cabeça.

As narinas se lhe entumeceram.

O seu semblante revestiu-se de uma expressão quasi feroz.

Seus dentes, alvos, pontudos, separados como os do lobo, morderam-lhe o labio a ponto quasi de fazer sangue.

O seu olhar faiscou.

Depois, maneou sinistramente a cabeça, e murmurou em voz baixa e indistincta :

— Margarida e Suzana ! Vezay e Caillouet !... dous amores ! duas traições !... Duas vinganças !...

Decorreu uma hora.

Uma hora longa como um dia, como um anno, como um seculo !...

Durante as sessenta eternidades daquela hora interminavel, o Sr. de Vezay experimentou todas as torturas que é dado á alma humana soffrer !

Durante aquella hora sentiu elle, pela primeira vez, as dentadas agudas, dilacerantes, envenenadas da serpente do ciúme, cujos dentes de fogo se lhe entranhavam nos logares mais sensiveis, mais dolorosos do coração.

Diabolica e desesperadora allucinação lhe mostrava sua esposa, — a sua adorada Margarida, aquella que ainda na vespera elle suppunha fiel e casta entre todas as mulheres, — mostrava-lh'a, dizemos, abandonada nos braços de outro, louca de desejos, ebria de amor, entregando a sua boca sorridente e fresca aos ardentes labios de um amante !...

Era incrível aquillo !...

E como a evidencia alli estava, terrível, inegável, esmagadora, era para morrer-se !

Margarida, esposa adúltera ! ..

Margarida, trazendo no seio um filho, fructo de um amor maldito !

Margarida !.. — Aquella Margarida de cabellos louros, de olhos azues, de fronte candida, de olhar virginal !...

Nella tudo era enganador !

O olhar mentia !

A fronte mentia !

A boca mentia !...

O anjo era um demonio !

Eis o que consigo mesmo dizia o Sr. de Vezay ; e, á medida que esses pensamentos lhe atravessavam a mente como um tufão de fogo, a livida pallidez de seu semblante augmentava-se, a sua mão apertava convulsa as guardas das duas espadas, a inextinguível sêde de vingança entrava-lhe na alma cada vez mais !

De repente Caillouet deu um passo para seu amo. E tocou-lhe mansamente no cotovello.

O Sr. de Vezay, arrancado desse modo á sua dolorosa meditação, estremeceu.

— Que é ? perguntou elle ; que queres tu ?

Caillouet apoiou um dedo aos labios.

E, como podia acontecer que o conde não visse esse expressivo signal, accrescentou baixinho :

— Silencio !...

O Sr. de Vezay inclinou-se para Caillouet.

Approximou a boca ao ouvido do couteiro e perguntou baixinho :

— Que é ?

— Ouça.

O Sr. de Vezay prestou attenção.

Quando as vozes da tempestade se calavam durante um segundo, percebia-se um leve ruido.

Esse ruido era o de um passo inquieto, que fazia, aproximando-se, estalar a areia das alamedas.

O coração do conde cessou de bater.

— E' elle ! disse Caillouet.

Os passos tornavam-se mais distinctos.

— Dentro de meio minuto elle estará aqui, tornou o couteiro.

Ao mesmo tempo, e como para confirmar as palavras de Caillouet, o trovão roncou e um relampago sulcou o firmamento em toda a sua extensão.

Ao seu clarão passageiro, mas deslumbrante, pôde-se vêr um homem, envolto até aos olhos em um manto de côr escura, encaminhando-se para o lado da portinha do parque.

O relampago extinguiu-se.

A escuridão tornou-se completa.

Havia, porém, mais de uma hora que o Sr. de Vezay esperava, seus olhos tinham adquirido a faculdade de distinguir os objectos apezar das trevas.

O meio minuto tinha decorrido.

O conde pegou nas duas espadas com a mão esquerda e caminhou direito ao recém-chegado, que não o via.

No momento de cruzar-se com elle, parou e pôz-lhe no hombro a mão direita.

O individuo julgava-se tão certo de que estava sózinho áquella hora da noite e naquelle ponto do parque, que o inesperado contacto arrancou-lhe um grito de surpresa.

Screnou, porém, immediatamente.

Metteu a mão no seio, e tirou uma pistolazinha, e, apontando a arma contra o Sr. de Vezay, disse em voz ameaçadora :

— Afaste-se, ou está morto!...

O conde tinha visto o movimento do nocturno visitante...

Recuou um passo.

Fazendo, porém, um heroico esforço, conseguira conservar-se tão senhor da si e da sua emoção, que respondeu com o maior sangue-frio e em voz inteiramente calma e natural.

— Penso, Sr. visconde, que não é séria essa ameaça... Um tiro de pistola perturbaria o vivo prazer que sinto em dizer-lhe; bem vindo seja!...

O Sr. de Villedieu reconheceu immediatamente a voz daquelle que assim lhe fallava :

Deu um salto para traz, como se acabasse de pisar em uma serpente.

— O Sr. conde!... exclamou machinalmente; o senhor aqui!...

— O senhor aqui está, respondeu o conde; é de admirar que eu esteja também?...

O visconde tinha perdido completamente a calma.

Esforçava-se, mas em vão, para reunir as suas idéas e collocar-se ao nível da situação...

Situação difficil e espinhosa, de accôrdo,— não podemos deixar de convir.

Mas a desordem e a confusão reinavam-lhe no cerebro.

Não pôde elle senão balbuciar, com voz apenas distincta, estas palavras, de cujo sentido não tinha certamente consciencia:

— E' que... estava tão longe de esperar...

— Encontrar-me no seu caminho? — concluiu o Sr. de Vezay em tom cujo ironico azedume não era facil discernir.

— Sim... Sr. conde... murmurou o Sr. de Villedieu.

— Devéras!... Entretanto, que ha de mais natural? e de que maneira pôde a minha presença sorprendel-o?...

E o Sr. de Vezay calou-se, como se esperasse uma resposta a estas palavras.

O visconde, porém, guardou silencio.

O Sr. de Vezay continuou:

— Soube por acaso que o senhor estava aqui... e agradei a esse acaso que me annunciava, de improviso, a sua inesperada visita...

« O Sr. visconde julgou prudente entrar em minha casa sem se mandar annunciar...

« Como homem delicado que sou, entendi que devia respeitar o mysterio de que o senhor se cercava... por motivos que eu ignoro e que não busco conhecer...

« Não quiz, entretanto, que sahisse de minha casa

sem que eu lhe exprimisse a enorme satisfação que sentiria em recebê-lo aqui *pessoalmente... »*

E o conde apoiou nesta ultima palavra,

Sublinhou-a um tanto energica e significativamente.

Depois continuou :

— Ora, não tinha senão um meio de encontral-o... e esse meio era postar-me na sua passagem por occasião da sua sahida...

« Sabia que o senhor tinha entrado no parque por esta porta...

« Havia, portanto, noventa e nove probabilidades contra cem em como seria por esta mesma porta que o senhor sahiria...

« E' por isso, Sr. visconde, que me acho aqui e que tenho a honra de dizer-lhe : seja bem vindo ! »

E, tendo assim fallado, o Sr. de Vezay inclinou-se perante o visconde.

Com certeza, este ultimo não era nem tolo, nem covarde.

A surpresa havia no primeiro momento — disse-mo-l'o — paralyzado completamente as suas faculdades moraes.

A' medida, porém, que o Sr. de Vezay lhe dirigia a palavra, recuperára elle a sua calma e comprehendêra quanto odio e quanta colera se occultavam sob o tom cadenciado e tranquillo, sob as palavras amáveis e polidas do seu adversario.

A vingança do conde começava.

Acabava elle de tornar o Sr. de Villedieu ridiculo no seu proprio conceito.

Ridiculo, sim, pois o visconde não desconhecia que lhe haviam fallado de todo a presença de espirito e a audacia da occasião, e que acabava de deixar-se esmagar completamente pela superioridade moral daquelle marido enganado.

Ora, — em nossa bella França — admitte-se que se engane um marido...

Admitte-se que esse marido se zangue...

Admitte-se que se lhe dê ou que se receba uma boa estocada...

Tudo isto é das leis da guerra.

Nenhum Lovelace se nega a soffrer as consequências, ás vezes bem incommodas, de uma conquista illicita.

O seductor, porém, nunca perdôa ao pobre marido que este faça cahir sobre elle o menor salpico do ridiculo com que elle o cobre á farta !

(Continúa no proximo numero.)

EXPEDIENTE

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelles que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio 85.

Em tempo também avisamos ás pessoas que quizerem continuar a receber no proximo mez o *Folhetim* que a remessa da folha será suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.

OS EDITORES.